

A Birra

Por Maria Nuryrmar Brandão Benetti

Inverno 2012

No dicionário Larousse da Língua Portuguesa, que organiza e sistematiza o nosso discurso compartilhado, o verbete Birra significa teimosia, zanga, capricho, assim como comportamento da cavalgada quando ferra os dentes em alguma coisa.

Birra, portanto, tem a ver com raiva. A raiva e a fúria diante da oposição estão ligadas a pulsões pungentes da criança, especialmente quando quem lhe faz oposição é sua mãe, fonte de tantas satisfações. Essa explosão de emoções, similar à erupção de um vulcão, provoca grande desordem no mundo interno da criança.

Birra também tem a ver com frustração que é um dos grandes motores da raiva. E essa frustração pode vir de uma expectativa não realizada, de uma contrariedade, de uma perda de pessoa ou objeto, de uma sensação de abandono, de desamparo, de impotência ou de incompreensão. Mas a birra é forte, é um protesto escandaloso diante dessa frustração, é um inconformismo, uma não submissão diante de um desejo não satisfeito. É pura emoção, a razão não entra em jogo. Por isso quanto mais se tenta arrazoar, explicar, maior é o descontrole que, aliás, aumentará ainda mais se houver alguém tão birrento quanto a criança querendo fazê-la parar com a birra.

É interessante a definição do dicionário que fala de “ferrar os dentes”, pois coincide com a posição de Susan Isaacs (1974). Ela diz que quando surgem os dentes, em torno do segundo trimestre ou na segunda metade do primeiro ano, define-se uma nova fase na vida mental da criança. Os impulsos de sua boca começam a mudar, passando do chupar ao morder, uma maneira mais ativa e destrutiva de lidar com as coisas – e pessoas. Torna-se intenso seu prazer de morder, sendo um meio natural e primitivo de expressar seu afeto, seu desejo, e seu ódio. É na boca que estão os dentes e é da boca que saem os gritos e o choro de protesto.

A criança é impulsiva e não sabe esperar, pois com seu imediatismo, tem a impressão de que se não for atendida agora mesmo, jamais o será. Sente que não vai agüentar ficar sem algo que deseja. Predomina fortemente o princípio do prazer que alimenta a fantasia de seio inesgotável: quer tudo agora e para sempre. Todos somos assim, mas à medida que nos desenvolvemos e amadurecemos -se tudo correr bem- vai se impondo o princípio da realidade e vamos tolerando esperar um pouco pelo que queremos e aprendendo a lidar com nossas limitações e com nossas possibilidades.

A criança encontra muitas limitações no seu dia a dia, as primeiras delas inerentes à própria natureza humana: não tem o poder da ubiqüidade, não pode voar ou atravessar paredes. Além disso, há muitas coisas nas áreas da alimentação, da motricidade, do controle esfinteriano em que a criança encontra contrariedades, pois há situações que lhe são perigosas ou que desagradam a mãe.

Por outro lado, há limitações inerentes ao tamanho e habilidades da criança. Ela quer fazer muitas coisas que ainda não estão ao seu alcance. Tenta, não consegue e pede ajuda do adulto, mas como é um pedido ambivalente, pois o que queria mesmo era ser capaz de fazer sozinha, quando é ajudada não aceita, fica furiosa e parece que o adulto bem intencionado que queria ajudá-la é o culpado por suas impossibilidades. Sente a ajuda como oposição, fica resmungona, faz exigências e não se mostra satisfeita. Mas se o adulto consegue manter a tranqüilidade e a criança cede um pouco e pode receber o que lhe é dado, muda de humor, às vezes, sem ter tomado consciência nem do que a fez ficar zangada, nem do que a reconfortou.

Myriam David (1960) aponta que a criança pequena, entre um ano e meio e três anos, não sabe muito bem reconhecer, expressar e satisfazer as suas necessidades, por isso necessita que a mãe “adivinhe” isso, elucidando a necessidade que observou em seu filho, em sua filha, atendendo-o (a), quando possível, naquilo que deseja. Se olharmos essa situação numa dimensão mais profunda, além de “adivinhar” o que a criança precisa, a mãe processa internamente as violentas emoções sem nome de seu filho, de sua filha transformando-as em algo pensável e mais tolerável, como nos ensina Bion (1959).

Os limites impostos pela mãe são muito dolorosos para a criança, pouco importando para ela se se destinam a protegê-la ou ajudá-la. E, diante deles, surgem sentimentos de oposição violentos, decepção e raiva. A criança sente-se atingida no seu desejo de autonomia e de participação, reage procurando afirmar-se mais, persevera na tentativa de realizar os seus próprios desejos e opõe-se aos dos outros, especialmente aos da mãe de quem tanto depende. A princípio, essa oposição parece um jogo. A criança faz um movimento, olha para a mãe que lhe diz não. Parece que a criança vai obedecer, mas no que a mãe para de olhar, ela recomeça. Aí se estabelece um enfrentamento, um desafio, tentando fazer o que está sendo proibido para ver a reação da mãe, se vai rir, se vai ceder ou se vai se zangar. (David, M. 1960). É um jogo cujo prazer tem curta duração.

A linguagem já adquirida é de grande auxílio para o movimento de oposição. É nesse momento que a criança aprende a dizer “Não!”, além de usar a força e a agilidade motora como “argumento”. Aos gritos, seguem-se atos agressivos, morde, bate, dá pontapés, atira longe seus brinquedos ou

outros objetos, bate com os pés, rola pelo chão. Ela não pensa. É uma oposição forte porque se sente vencida e por isso sente raiva e grande aflição. É um braço de ferro que será reeditado na adolescência, um pequeno aperitivo para os pais e uma prova de resistência.

Os gritos expressam uma recusa em ceder, uma tentativa desesperada para dominar e, ao mesmo tempo, um pedido de proteção contra os próprios impulsos agressivos e uma busca de reconforto e de apaziguamento. A criança que ama tanto sua mãe, experimenta, nessa situação, um forte sentimento de hostilidade. Mas tem medo da sua própria raiva, por isso são comuns, nesses períodos, as fobias, os pesadelos e os terrores noturnos, pois a criança tende a atribuir à oposição dos pais a mesma violência e a mesma intensidade destruidora que sente dentro de si, especialmente se os pais reagem às suas birras com cólera. (David, Myriam. 1960)

Na hora do descontrole da criança, o que mais pode ajudar é a continência firme do adulto. Continência é limite. Quando pegamos um bebê nos braços, estamos, ao mesmo tempo, dando colo e dando limite entre o corpinho do bebê e o nada. Isso tranqüiliza o bebê, os braços que o envolvem lhe dão a sensação de que ele não vai cair no vazio e se perder. Há um colo – de preferência amoroso- que o segura e contém. Na hora da birra essa é uma atitude que pode ajudar. Uma criança em situação de birra está desesperada e incapacitada, naquele momento, de pensar. O que ela menos precisa nesse momento é de um adulto tão desesperado quanto ela e menos ainda um adulto que a deixa chorando e vai embora, abandonado-a ao próprio desespero.

Referências bibliográficas

Bion, W.R. “Ataques ao Elo de ligação”. In “Melanie Klein Hoje”. Vol I. Ed.Imago. Rio de Janeiro.1991.

David, Myriam. “A criança dos zero aos seis anos” Ed. Moraes. Lisboa. 1970

Klein, Melanie. “Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê”.Em “Os Progressos da Psicanálise”. Ed Guanabara. 1988

Isaacs, Susan. “Años de Infancia”. Ed. Hormé/Paidós.Buenos Aires. 1974.